

RECUSA AO SENTIDO

BALBINA FRANCISCA MORAES DE SÁ¹;
Prof. Dr. FELIPE MERKER CASTELLANI (orientador)³

¹Universidade Federal de Pelotas – balbinadesa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – felipemerkercastellani@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A metodologia da operatividade busca a construção de sentido através do trabalho artístico, como afirma MACHADO (2019). Como artista-pesquisadora, seguindo operatividade como um dos estopins e bases metodológicas de meu trabalho, com repetição, improvisação, além de outras influências metodológicas oriundas de áreas mais específicas como a música (hip hop e industrial, além de como noise se manifesta especificamente na música, mesmo que esse último termo perpassasse as demais linguagens que utilizo), percebo o tensionamento da produção de sentido com demais pulsões produtivas herdadas da revolução industrial (como apontam DUBROVSKY; GRAEBER (2019), desalinhadas com a condição contemporânea humana num pós-humanismo neoliberal (IRELAND, 2016), removendo a centralidade anterior da percepção humana¹ (a condição moderna (CULP, 2016)) à percepção e concepção do mundo num todo, busco entender a relação das supremacias do sentido e da produtividade nas artes, bem como a supremacia da visualidade num todo nas linguagens artísticas (mesmo na performance) (CULP, 2016) interfere no que resta de conceito de ‘humano’ e do ruído emergente de nossas limitações fenomenológicas e epistêmicas (IRELAND, 2016).

2. METODOLOGIA

2.1 Humano não é um termo neutro, ou “onde acaba um corpo?”

A associação primária e exclusiva entre sexo e reprodução, constitui o corpo como um organismo estabilizado, afixado, criando um sujeito a ser disciplinado pelo biopoder². (SAEWOL, 2018) A biologização dos corpos sendo feita a partir da genitália (SAEWOL, 2018), constituindo arquétipos relacionais supostamente dicotômicos (masculino ou feminino, ativo ou passivo (CALABRESE, 2020)), é um processo de criação de binários, um modelo binário de gênero³ que, como todos nesses moldes, oprime o liminal⁴. (CALABRESE, 2020) Desses modelos, mesmo aqueles revisados para incluir mais do que busca-

¹ Mesmo da agência humana, como discute-se em ontologia orientada a objeto (Timothy Morton, Bruno Latour) e aceleracionismo num todo (de Sadie Plant e Nick Land a Denise Ferreira da Silva e Amy Ireland).

² O que, em caso de pessoas intersexo, às apaga, erradica, categórica e materialmente. (SAEWOL, 2020)

³ Binário este constituinte basal do sistema ‘ocidental’ de gênero. (CALABRESE, 2020)

⁴ Termo aqui adotado diretamente do inglês *liminal*, no sentido aberto de ‘prestes a’, ‘algo entre um fim e um começo’, algo externo.

se discutir em teoria trans, outros⁵ binários emergem (e.g. cis ou trans, queer ou straight⁶ (CALABRESE, 2020)), fragmentando, granulando cada vez mais a estrutura identitária das relações sociais de construção de sentido (CALABRESE, 2020). Perpetuados os binarismos inerentes à construção de um conceito de ‘gênero’, niilismo de gênero ‘verdadeiro’ não pode se fundamentar como afirmação ou negação de gênero, mas sim recusa. “Recusa” é, conforme Calabrese (CALABRESE, 2020), por si só um conceito liminal, definida como “falta de ação”, não sendo nem atividade passiva (dada a reatividade inerente à passividade⁷) nem tampouco ativa, mas sim silente, quieta, “parada que nem a morte” (CALABRESE, 2020). Há uma linha tênue entre ‘recusa em articular identidade’ e a ‘negação de identidade’, sendo que na recusa o conceito é tratado como integralmente alienígena, sem sentido (CALABRESE, 2020). Nesse texto, busco expandir aos demais binarismos excludentes do que é liminal, principalmente pela recusa à visualidade, à performance, ao sentido, como objeto de estudo e pesquisa bem como metodologia de produção artística e de conceitos, de sentido, interrogando pelo processo de forma operativa (MACHADO, 2019).

2.2 Ruído, nãovisualidade, nãoperformance⁸

O interior, o lado interno da premissa ontológica moderna é uma condição que, na teoria cibernética, refere-se como “ruído”. (IRELAND, 2016) Nesse contexto, há sempre a necessidade de existir uma posição alternativa que, pelo processo de ‘passagem através’, faz com que mensagem apareça como parasita, visitante como anfitriã, significação como ruído. A passagem do sinal pelo ‘humano’ é um processo que o torna inteligível ao ‘humano’, distorcendo o sinal e apoiando significação sobre o mecanismo de interrupção e deformação que emergem da tradução e re-tradução, da interferência da fenomenologia do ‘sujeito-enquanto-humano’, do processo de tornar o corpo sem órgãos do conceito de ‘humano’ afixado ao de organismo, por consequência. (CULP, 2016) O materialismo que perpassa esse texto por motivo das referências e estrutura de pensamento que são pontos de partida deste, sendo pós-deleuzoguattariana, materialismo este que “troca o teatro da representação pela fábrica de produção” (CULP, 2016). Essa troca de objeto-em-questão desse materialismo substitui dicotomias binaristas por uma posição de ausência, uma recusa. (SAEWOL, 2018) Ao colapsar a barreira entre humano e natureza (CULP, 2016) e adentrar uma posição ontológica orientada a objetos e não a uma centralização da subjetividade humana e toda a neutralidade pressuposta mas ausente desse sujeito tal como estabelecido (MORTON, 2016), “humano” deixa de ser um termo tido como neutro por si só, mesmo que não exista observação que possamos fazer fora desses sentidos ‘humanos’ (CULP, 2016), as limitações da

⁵ Ainda mais se levar-se em conta outros mecanismos de separação de poder sociais, como raça, classe, sexualidade. (CALABRESE, 2020)

⁶ Algo entre hétero e cis/hétero, mas enquanto uma manifestação de gênero em si em vez de um entrecruzamento de recortes (i.e., sendo algo além da mera soma de cis+hétero, ou mais especificamente cis+masculino+hétero).

⁷ Uma posição passiva em alguma relação entre objetos ou sujeitos é sempre feita reagindo-se a algo, sempre se é passivo *em relação a algo*.

⁸ Termos traduzidos de *nonvisuality* e *nonperformance*, mantendo-se a ausência de espaços ou hífen, diferenciado-lhes de anti-visualidade e anti-performance (ou quaisquer proposições de anti-arte que se estabeleçam pela oposição em vez da recusa, oposição aqui marcada pelo ‘anti-’).

fenomenologia devem ser consideradas em vez de anuladas⁹, principalmente no contexto aqui estabelecido a distorção de sinais ao passarem pelo ‘humano’ como geradora de ruído (IRELAND, 2016). Humano enquanto ruído.

2.3 A ‘recusa ao sentido’ como possibilidade metodológica na arte-pesquisa

Enquanto artista-pesquisadora busco procurar onde a recusa ao sentido (MORTON, 2016) possa trabalhar justamente no processo produtivo (DUBROVSKY; GRAEBER, 2019) de produção¹⁰ de sentido, buscando inclusive o que se faz liminal (CALABRESE, 2020) ao mundo da arte, ao sistema das artes (DUBROVSKY; GRAEBER, 2019). Entrecruzando ‘identidade-como-performance’ (CALABRESE, 2020) como convite dos questionamentos ao redor do conceito de performance enquanto linguagem artística dentro dos demais aspectos, inclusive ao ponto da noção de humanismo por si só (IRELAND, 2016). Como dito na introdução deste texto, a partir da recusa ao sentido enquanto proposta de ‘como olhar’¹¹ mesmo na recusa da visualidade, propondo inclusive descobrir os limites, as paredes do que pode ser feito uma vez que se remove a performance num todo e a visualidade nas artes em particular do cerne da questão ao redor do objeto artístico em produção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao apresentar esse trabalho, possuo já um álbum publicado¹² construído dentro desse processo, com os demais dois em andamento. Além disso, obras em colaboração com artistas demais também estão em andamento conforme esse resumo é apresentado.

4. CONCLUSÕES

A recusa ao sentido, por fim, é uma busca de identificação e compreensão dos vieses e limitações das modalidades possíveis de expressão e conhecimento dentro do mundo das artes, da arte, no contexto contemporâneo, ainda na condição moderna (CULP, 2016). Como possibilidade de guiar o ímpeto de processo artístico operativo, utilizarei da recusa no que já trabalho, na visualidade, no texto, na performance, não em negação mas em recusa, caso a caso. Por ser operativo, esse processo não antecipa resultados, mas busca encontrar nexos e caminhos conforme se cria, se pensa, sem hierarquias ou prioridades entre partes das linguagens e linguagens entre si (insubordinadamente, como diz MACHADO (2019)).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁹ Mesmo porque as relações sociais da condição neoliberal do presente são todas assimétricas (CULP, 2016), o que se constitui para que fluxos de poder perpassem os corpos, devidamente afixados (SAEWOL, 2018), sempre emergindo uma nova fragmentação que não permita anulação duradoura de qualquer inconsistência

¹⁰ Redundâncias intencionais.

¹¹ Ver ‘Ayúdame a mirar’, de Eduardo Galeano.

¹² Disponível em <https://ruimvdd.bandcamp.com/album/n-o-preciso-ser-salvadora-de-mundo-nenhum> ou nas diversas plataformas de streaming de música.

CALABRESE, Ausonia. **Against articulation**: declining gender and refusing all identity. Anarchist News: 2020. Disponível em:

<<https://anarchistnews.org/content/against-articulation-declining-gender-and-refusing-all-identity>>. Acesso em 10 jan. 2023. 4 p.

CULP, Andrew. **Dark Deleuze**. Estados Unidos: University of Minnesota Press, 2016. 124 p.

DUBROVSKY, N. e GRAEBER, D. **Another art world**. Estados Unidos: 2019. 76 p. Disponível em: <<https://theanarchistlibrary.org/library/nika-dubrovsky-and-david-graeber-another-art-world-part-1-art-communism-and-artificial-scarcity.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2022.

IRELAND, Amy. Noise: an ontology of the avant-garde. In: BRITS, B.; GIBSON, P.; IRELAND, A. [eds.] **Aesthetics after finitude**. Melbourne: re.press, 2016. p. 218-227.

MACHADO, João Carlos [Chico]. A gênese operativa de uma dramaturgia da cenografia. **Anais do 1º Encontro Poéticas do Inanimado**. UNESP: São Paulo, 2019. 13 p. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217045/001113922.pdf?sequence=1>>. Acesso em 22 dez. 2022.

MORTON, Timothy. **Dark Ecological Chocolate**. NIBIO Svanhovd: Noruega, 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/AJprenbVvBY>>. Acesso em 20 dez. 2022.

SAEWOL[: a journal of queer becomings]. **Against biology, against the sexed body**: gender, compulsory heterosexuality, and the molecular. Medium: 2018. 22 p. [versão epub]. Disponível em: <<https://medium.com/@guattarilover69/against-biology-against-the-sexed-body-gender-compulsory-heterosexuality-and-the-molecular-dbe785204d36>>. Acesso em 4 dez. 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. 1 (life) [divided by] 0 (blackness) = [infinity minus infinity] or [infinity divided by infinity]: on matter beyond the equation of value. **e-flux**, n. 79, fev. 2017. 19 p. [edição de download]. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/journal/79/94686/1-life-0-blackness-or-on-matter-beyond-the-equation-of-value/>>. Acesso em: 11 jan. 2023.